



# *Mulheres Pentecostais no Sertão da Bahia: orando e curando em Serra Preta, Bahia. (1975-2002)*

Elvia Cristina Silva Santos<sup>1</sup>  
Elizete da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Analisamos a importância e o papel desempenhado pelas mulheres na expansão do Pentecostalismo assembleiano no Sertão da Bahia, principalmente, através do exercício de orações e da prática de cura para os diversos males, curas milagrosas, advindas do poder divino. Apesar do pastorado ter se posicionado contrário à ordenação feminina, argumento fundamentado a partir de uma leitura sexista da Bíblia, a hierarquia eclesial não abriu mão dos esforços femininos para a expansão evangelística, desde que não competissem com os homens e não ocupassem o sacerdócio, por ser considerado antibíblico. Mas, as mulheres protagonizaram o pioneirismo da Assembleia de Deus em muitas regiões do Brasil, tal como aconteceu no interior baiano.

**Palavras-chave:** pentecostalismo; mulheres; cura; Serra Preta.

## **Pentecostal women in the Hitherlands of Bahia state: prayer and healing in Serra Preta, BA. (1975-2002)**

**Abstract:** This article aims to analyze the importance and role played by women in the expansion of Pentecostalism in Sertão da Bahia, mainly through the exercise of prayers and the practice of healing for various ills, miraculous cures, and divine power. Despite the pastorate, there is a position against the feminine ordination, an argument based on a sexist reading of the Bible, the ecclesiastical hierarchy did not open more than two feminine efforts for evangelistic expansion, since it did not compete with the homages and did not occupy the priest, because it was considered anti-biblical. However, women were the protagonists of the pioneerism of the Assembly of God in many regions of Brazil, as happened in the interior of Bahia.

**Keywords:** pentecostalism; women; priest; Serra Preta.

## **Mujeres pentecostales en el Sertão de Bahía: oración y sanación en Serra Preta, BA. (1975-2002)**

**Resumen:** Este estudio tiene como objetivo analizar la importancia y el papel desempeñado por las mujeres en la expansión del pentecostalismo en el Sertão da Bahia, principalmente a través del ejercicio de la oración y la práctica de la curación de diversos males, curaciones milagrosas y poder divino. A pesar del pastorado, existe una posición en contra de

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UEFS).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6327-500X>.

E-mail: [elviacss@hotmail.com](mailto:elviacss@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana, BA. Pós-Doutora pela Universidade de Évora. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do Centro de Pesquisa das Religiões (CPR/UEFS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2343-8438>.

E-mail: [cliosilva@yahoo.com.br](mailto:cliosilva@yahoo.com.br).



la ordenación femenina, argumento basado en una lectura sexista de la Biblia, la jerarquía eclesiástica no abrió más de dos esfuerzos femeninos para la expansión evangelística, ya que no competía con los homenajes y no ocupaba al sacerdote, porque se consideraba antibíblico. Sin embargo, las mujeres fueron las protagonistas del pionerismo de la Asamblea de Dios en muchas regiones de Brasil, como sucedió en el interior de Bahía.

**Palabras Clave:** pentecostalismo; mujeres; sacerdote; Serra Preta.

## Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa que estamos realizando sobre a presença do Pentecostalismo no interior baiano. Aborda sobre a Assembleia de Deus no Sertão da Bahia observando, principalmente, como se deu a participação das mulheres nas práticas de cura, no exercício de dons espirituais na comunidade religiosa. O setor feminino foi relevante na interiorização e consolidação deste grupo pentecostal na zona rural do município de Serra Preta, entre os anos de 1975 e 2002, portanto, analisamos o processo de consolidação da Assembleia de Deus, as disputas e tensões no campo religioso.

A historiografia sobre o Pentecostalismo no Brasil foi inaugurada pelo historiador francês Émile Leonard, um estudioso do Protestantismo na França, que também pesquisou os reformados na sociedade brasileira, quando foi professor visitante na Universidade de São Paulo. A obra *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente* foi escrita em 1952, em francês, traduzida para o português em 1981. Para o autor, o conceito de iluminismo advém de um princípio protestante, uma inspiração interior, de uma relação pessoal com a divindade, sem intermediações, “uma abertura para a captação direta das revelações divinas” (LEONARD, 1988, p.6).

Nas primeiras décadas do século XXI, as pesquisas sobre os pentecostais no Brasil ganharam fôlego, abrangendo diversos temas, entre eles o papel feminino e a questão de gênero, aspectos políticos e culturais. Podemos citar os trabalhos de antropólogos como Hulda Stadler no artigo *Evangélicas e as Questões de Gênero* (2017), obras de sociólogos como Gedeon Alencar que escreveu *Assembleias de Deus: Origem, Implantação e Militância (1911-1946)* em 2010. Claudirene Aparecida Bandini, autora de *Religião e relações de gênero: um olhar sobre as transformações de identidades e práticas sociais de líderes feministas pentecostais* (2009). Sueli Mota Souza, autora de *Cura e Terapia: experiência religiosa de mulheres pentecostais* (2012). Renata Siuda-Ambroziak publicou *Religião e Estado no Brasil contemporâneo: os processos da “(neo) pentecostalização” da política brasileira*. In: KRZYWICKA, Katarzyna, SIUDA-AMBROZIAK, Renata (red.). *Política y religión en América Latina* (2017).

Historiadoras e historiadores como Maria Izabel da Silva Sampaio que estudou sobre *Representação do Processo Saúde-Doença Entre os Pentecostais da Assembleia de Deus em Feira de Santana* (2003). Elba F. Mota, autora do artigo *Entre o Comunismo e o Ecumenismo: dois caminhos políticos da Igreja Assembleia de Deus na nova república brasileira* (2017). Lyndon de Araújo Santos escreveu *Protestantismo e Pentecostalismo no Maranhão* (2003). A tese de Adroaldo José Silva Almeida, “*Pelo Senhor, marchamos*”: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985), publicada em 2016. Marcos Queiroz publicou em 2019 o trabalho: “*Quando os justos governam, o povo se alegra*”: Uma análise sobre a Assembleia de Deus e a política Eunápolis-BA 1988-2016. Igor Trabuço da Silva escreveu em 2020 *As Assembleias de Deus e o jogo político*



na Bahia (1972 – 1990). Outros autores e outras autoras serão citados e citadas ao longo do artigo. Contudo, apesar do crescimento significativo da produção acadêmica, quando se trata do campo religioso nas regiões interioranas do país as pesquisas ainda permanecem incipientes.

Trabalhamos na perspectiva da História Cultural e da História das Religiões, que entendem a religião como uma expressão do sagrado, a qual se manifesta na sociedade, com práticas, representações e discursos apropriados e às vezes ressignificados pelos fiéis (CHARTIER, 1990). A relevância da História Cultural decorre não apenas da religião fazer parte da cultura de uma determinada sociedade, mas também pelo fato de a religião ser pródiga na construção de representações, portanto, mantendo uma relação dinâmica com os demais elementos formadores de uma dada realidade cultural. Agregamos o conceito de campo religioso do sociólogo Pierre Bourdieu: a estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida (BOURDIEU, 2015). Entre os assembleianos, tais relações são legitimadas por uma leitura fundamentalista da Bíblia.

Usamos fontes escritas produzidas pela Assembleia de Deus, a exemplo do *Jornal Mensageiro da Paz*, livros doutrinários e fontes orais, entrevistas com membros e membras da Assembleia de Deus de Serra Preta, sertão da Bahia, com seis mulheres e dois homens, na faixa etária entre cinquenta e setenta e nove anos.

### **O mito de Eva e a subalternização feminina**

As grandes religiões do mundo cultivam seus mitos milenares, os quais se perpetuam através de doutrinas, rituais e representações coletivas, se ressignificam a partir dos novos contextos e conjunturas históricas. O mito da Eva pecadora, que desobedeceu às ordens divinas e abriu as portas para o pecado no mundo atravessou séculos e sociedades ocidentais. Na Bíblia, no relato do texto de Gênesis encontramos o primeiro casal Adão e Eva sendo inquiridos por Deus, pelo fato de terem comido o fruto proibido, isto é, da árvore do conhecimento do bem e do mal. A punição de Adão foi severa, mas a da mulher foi humilhante e cruel: além de conceber com dores, “o teu desejo será para o teu marido e ele te dominará” (GÊNESIS 3, v.16. BÍBLIA).

No dealbar dos tempos modernos, a Reforma Protestante (1517) fez a releitura de alguns princípios bíblicos, a exemplo do sacerdócio universal dos cristãos, mas manteve a subalternização feminina, inclusive proibindo o direito de as mulheres consagrarem-se como pastoras. Proibição que foi questionada e revista por várias denominações protestantes, especialmente pelos Quakers – tremedores em inglês – um grupo conhecido pelo fervor religioso e pelo ativismo social, a exemplo da luta contra a escravidão na Europa e nos Estados Unidos. Alguns setores femininos do Protestantismo passaram a contestar, veementemente, a posição de inferioridade, a reivindicar educação e participação no clero e administração eclesiástica, em pé de igualdade com os homens.

No início do século XIX, as ideias feministas atingiram as mulheres protestantes europeias e estadunidenses, muitas delas com serviços prestados e efetiva liderança nas comunidades passaram a lutar pela emancipação feminina e a igualdade de espaço administrativo no interior da igreja, onde as instâncias de poder e o saber teológico eram apanágio masculino. Na Convenção dos Direitos da Mulher de Seneca



Falls em 1848, a pastora *Quaquer* Lucretia Mott discursou: “o sucesso de nossa causa depende dos esforços zelosos e incansáveis tanto de homens quanto de mulheres para derrubar o monopólio de púlpito e para assegurar às mulheres participação igual aos homens nas várias ocupações, profissões e comércio”. Em 1853, Antoinette Brow foi ordenada para o exercício do ministério congregacional, quebrando uma tradição androcêntrica vigente desde o século XVI (SILVA, 2017, p. 216-217).

Lideradas pela exegeta e feminista Elizabeth Cady Stanton, uma equipe de mulheres estudiosas do grego, latim e hebraico publicaram um livro denominado *A Bíblia Para as Mulheres*, em 1895, nos EUA. De fato, trata-se de um comentário do texto bíblico a partir da perspectiva das mulheres militantes, que viveram as turbulências e as inquietações do século XIX. A respeito da criação do homem e da mulher, na *Bíblia Para as Mulheres*, Stanton afirma: “temos nestes textos uma declaração clara da existência do elemento feminino de Deus, igual ao masculino em poder e glória Mãe e Pai Celestial” (STANTON, 2019, p.50). Quanto ao mito de Eva, Elizabeth Stanton argumenta que pode ser apenas uma alegoria e enaltece a atitude da Mãe da humanidade em querer ter conhecimento sobre o mundo do bem e do mal e a “covardia de Adão tentando se proteger às custas de sua mulher!” (STANTON, 2019, p.63).

Os missionários e as missionárias estadunidenses e europeus que divulgaram as doutrinas protestantes e fundaram as igrejas históricas, como a Igreja Presbiteriana, Metodista, Congregacional, Batista, Episcopal Anglicana, bem como os fundadores da Assembleia de Deus no Brasil em 1911, silenciaram sobre *A Bíblia Para as Mulheres*. Apenas em 2019, por iniciativa de um grupo de estudiosas lideradas pela Reverenda Anglicana Doutora Bianca Daebis Almeida foi publicada uma tradução na língua portuguesa, desse texto tão necessário e insurgente que demonstra a luta das mulheres protestantes, contra o androcentrismo veiculado na Bíblia e ainda hoje pregado nos púlpitos de grupos religiosos pentecostais e fundamentalistas em geral.

Os missionários e as missionárias protestantes estabeleceram as doutrinas fundamentais do movimento reformado e dentre elas, a centralidade do texto da Bíblia como regra de fé e prática. Eram pastores conservadores e jamais teriam interesse em divulgar um comentário bíblico escrito por mulheres, numa perspectiva tão crítica e inovadora, naquele momento. Os pioneiros que fundaram a Assembleia de Deus no Brasil também destacavam a relevância da Bíblia, mas também não divulgaram *A Bíblia Para as Mulheres*. Era um livro perigoso que poderia desestabilizar o poder eclesiástico exercido pelos homens, pois o contingente feminino era maioria nas congregações.

### **As mulheres nas origens do Pentecostalismo**

A Assembleia de Deus, como um grupo de tradição pentecostal se originou de um movimento de santificação e piedade individual ocorrido nos EUA, no interior de Igrejas Metodistas no início do século XX. “As origens foram as fervorosas reuniões da Rua Azusa, Los Angeles, em 1906, que ocorriam com grande afluência de afrodescendentes e pessoas vinculadas às classes trabalhadoras, como o garçom negro Seymour, considerado um pioneiro pentecostal (ISAIA, SILVA, 2019, p.106; PY, PEDLOWSKI, 2020). Era um movimento de forte característica emocional, com práticas e rituais de êxtase religioso, como a glossolalia, isto é, falar em línguas estranhas em cerimônias religiosas.



Em 1906, nas primeiras reuniões e cultos em que houve a participação de F. J. Seymour, liderança do avivamento pentecostal da Rua Azusa, as mulheres estavam presentes e testemunhavam, publicamente, as suas experiências espirituais, além de prestarem serviços domésticos nas congregações. Segundo relato do memorialista Emílio Conde, liderança na Assembleia de Deus no Brasil:

O irmão Seymour encontrou um grupo de almas famintas... Eles jejuavam e oravam pelo batismo do Espírito Santo. O Senhor enviou-lhes dois obreiros de Huston; uma era a irmã Lucy Farrow, já batizada com o Espírito Santo, que havia cozinhado para os trabalhadores que haviam se reunido em Houston (CONDE, 1960, p.112).

Nas primeiras reuniões do Movimento Pentecostal nos EUA houve uma significativa presença feminina, recebendo o batismo do Espírito Santo e falando em línguas estranhas. Emílio Conde exaltou os cultos fervorosos entre os irmãos do Texas e registrou a presença de mulheres que testemunhavam sobre suas crenças pentecostais:

Uma senhora idosa, mas muito abençoada, deu-nos uma mensagem comovedora. O Espírito Santo estava presente e Ele mesmo, com poder, falava, de vez em quando em línguas estranhas, pelos lábios de sua serva. No dia seguinte a Sra., Ana Hall pregou novamente. Foi uma ocasião inesquecível (CONDE, 1960, p.110).

A respeito da relevância e autoridade do texto bíblico entre os Pentecostais, o memorialista Emílio Conde opinou:

As nossas igrejas possuem um corpo de doutrinas claríssimas, baseadas nos ensinamentos de Jesus e Seus discípulos, em conformidade com os princípios morais do Evangelho e em perfeita harmonia com todos os livros da Bíblia, doutrinas essas que desejamos conservar em todo tempo, mesmo que seja necessário desagradar ou contrariar os homens religiosos (CONDE, 1960, p.14).

Conservando uma leitura literal e anacrônica do texto bíblico, conforme os ensinamentos do clero da Assembleia de Deus, as mulheres assembleianas, mesmo sendo maioria nas congregações e exercendo os dons espirituais aceitos pelo grupo, foram preteridas no exercício sacerdotal e cargos de liderança eclesiástica.

## **Pentecostalismo no Brasil**

O Movimento Pentecostal não tardou em chegar ao Brasil. Já na segunda década de sua existência, a região amazônica, com seu potencial econômico advindo da indústria da borracha atraiu estrangeiros, dentre eles protestantes que tinham vivido as experiências do avivamento espiritual dos EUA. Gunnar Vingren e Daniel Berg eram de origem sueca e se deslocaram para os EUA em busca de emprego, dada as condições econômicas difíceis na Suécia naquele momento. Posteriormente migraram para o Brasil,



orientados, segundo eles, por uma profecia divina que indicava a cidade de Belém como um destino onde seriam abençoados por Deus. Não eram missionários de comitês estruturados e sim migrantes em busca de oportunidades de trabalho na rica e vasta Amazônia.

Vingren e Berg congregaram numa Igreja Batista, pastoreada pelo sueco Euric Nelson que acolheu seus conterrâneos. Não tardou para os jovens suecos divulgarem as doutrinas do Avivamento Pentecostal e construir, em torno deles, um grupo de fiéis que aderiram às experiências espirituais e posteriormente deu origem à primeira comunidade Assembleia de Deus, em 1911, em Belém do Pará. Conforme Berg, a senhora Celina Albuquerque recebeu o grupo expulso do templo batista em sua própria casa, “a irmã foi a primeira crente batizada com o Espírito Santo” (BERG, 2000, p.58). Mais uma vez observamos o pioneirismo feminino nas origens do Pentecostalismo, também no Brasil.

A senhora Frida Vingren, esposa do pioneiro Gunnar Vingren teve uma importância fundamental no estabelecimento da Assembleia de Deus no Brasil. Além de exercer tarefas evangelísticas na congregação religiosa foi articulista nos jornais da Assembleia de Deus e nas ausências do Pastor Vingren liderou a comunidade religiosa, porém não foi reconhecida como missionária pela Convenção da Assembleia de Deus dirigida pelos homens escolhidos por Deus, conforme a teologia pentecostal.

Na ocasião da Primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil, em 1930, a questão do trabalho feminino foi pauta de debate, mas após o primeiro encontro e a derrota dos favoráveis à ordenação das mulheres, a exemplo de Vingren, convicto que “o Senhor chamou e ainda está chamando homens e mulheres para o serviço do Evangelho, para ganhar almas e testificar”, o tema voltou a ser discutido somente em 1979 e foi derrotado novamente (ARAÚJO, 2007, p. 492). Contudo, notamos que desde os primeiros anos da década de 1970, ao mesmo tempo que as opiniões contrárias ao ministério ordenado para as mulheres continuaram circulando, também foram mencionadas como agentes importantes. No *Jornal Mensageiro da Paz*<sup>3</sup> diversas notícias foram divulgadas sobre as pioneiras que fundaram as Assembleias de Deus em seus respectivos estados, entre elas a Senhora Emília Elvira Alcântara Costa na Paraíba, Joaquina de Souza Carvalho na Bahia, uma mulher não identificada no estado de Sergipe e a Senhora Sulmira Arraes Sindeaux, em Roraima (MENSAGEIRO DA PAZ, jun., de 1986, p. 14).

### **Pentecostalismo no Sertão Baiano: um grupo religioso de maioria feminina**

No sertão da Bahia, a fundação do primeiro templo da Assembleia de Deus aconteceu em 1938 na cidade de Feira de Santana. De acordo com Igor Trabuço da Silva (2020), a sua expansão se deu a partir da década de 1950, momento em que a cidade passava por um processo de crescimento econômico e urbano, arregimentando expressivo número de membros e membras e interferindo em questões do seu

<sup>3</sup> O *Mensageiro da Paz* é um periódico criado na Primeira Convenção das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) em 1930, com o objetivo de expandir a mensagem pentecostal e criar uma ideia de unidade. Na ocasião do encontro, após o debate sobre a existência de dois jornais, o *Boa Semente* e o *Som Alegre*, causarem “um pequeno problema”, por assumirem “posições antagônicas e regionalistas”, tornando-se assim “dois órgãos oficiais e distintos, do Norte e do Sul”, decidiu-se pela suspensão dos jornais e a criação do *Mensageiro da Paz* que passou a circular em todo território nacional. ARAÚJO, Isael. Dicionário do Movimento Pentecostal. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 45,133,134, 208.



cotidiano (SILVA, 2020, p.18) tendo em vista que neste período o campo religioso brasileiro já era bastante diversificado.

Em 1971, a manchete do *Mensageiro da Paz* do mês de outubro, anunciou em letras garrafais: *BAHIA SACUDIDA PELO ESPÍRITO SANTO*. Escrita pelo pastor Rodrigo Silva Santana, a matéria confirmava a existência de um movimento expansionista das doutrinas pentecostais. “No interior, como na capital, de ponta a ponta, o Estado da Bahia tem sido alcançado pelo poderoso avivamento” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1971, p. 1). No ano seguinte, o periódico também informou aos seus leitores que a Bahia continuava com uma só preocupação: ganhar almas para o reino do Pai Celestial (MENSAGEIRO DA PAZ, 1972, p. 1).

Foi neste contexto de expansão e “salvação das almas”, que numa pesquisa sobre a trajetória de Maria Patrícia Ferreira entre os anos de 1950 a 1985, uma mulher negra nascida na primeira metade do século XX, na zona rural do município de Serra Preta, convertida ao Pentecostalismo, observamos os primeiros sinais de transformação do campo religioso do povoado da Cabeça do Boi, marcada pela chegada da Assembleia de Deus na década de 1970. Investigamos como a protagonista se destacou no cenário educacional, uma vez que fora impedida de estudar durante a sua infância, mas tornou-se professora leiga, por volta de 1950, improvisando uma escola comunitária na sala da casa do seu pai, o responsável pela proibição. Em 1977 foi admitida pelo poder municipal de Serra Preta para atuar no Prédio Escolar Liberino Ferreira como professora leiga, termo designado às mulheres que atuavam no ensino primário, mas que do ponto de vista institucional não possuíam formação específica – magistério ou curso superior/diploma – para atuar em sala de aula.

Ao analisar a religiosidade de Maria Ferreira observamos que com a chegada da Assembleia de Deus, iniciou-se uma disputa pela busca de novos fiéis, que em muitos casos, o proselitismo e a demonização das outras crenças religiosas locais eram utilizadas como estratégias para aumentar o número de conversões, formando, desse modo, uma membresia que garantiu a consolidação do Pentecostalismo no povoado. Analisamos as experiências de Maria Patrícia Ferreira no campo religioso do povoado, tanto no Candomblé quanto na Assembleia de Deus e como se tornou pioneira para os seus irmãos de fé. De acordo com a senhora Zélia Oliveira, “ela foi a pioneira no Além do Rio<sup>4</sup> em dois sentidos. No sentido material e espiritual. No sentido material, o trabalho com a escola e no espiritual, o trabalho com a igreja. Ela ensinou muitas coisas lá” (OLIVEIRA, 2021).

O processo de consolidação da Assembleia de Deus no povoado da Cabeça do Boi contou, especialmente, com a participação das mulheres ao assumir, mesmo em suas duplas e triplas jornadas de trabalho, o protagonismo nas atividades da igreja. As fontes orais sugerem que as doutrinas pentecostais chegaram ao povoado através de uma mulher, uma professora vinda da capital para ensinar e concomitantemente ela se empenhou na missão de ganhar adeptos, através de pregações em cultos domésticos, devido à ausência de um templo. A doação de um terreno concedido por Maria Patrícia Ferreira e sua atuação evangelizadora na Cabeça do Boi, garantiu a construção do primeiro templo e conseqüentemente a consolidação do primeiro e único grupo pentecostal da localidade.

<sup>4</sup> Durante o processo de consolidação da Assembleia de Deus no povoado da Cabeça do Boi, o grupo criou para si uma identidade, na qual passaram a se referir a localidade como Além do Rio. O rio Jacuípe, faz limite com o município de Serra Preta e Feira de Santana.



Os indícios sobre a origem de Serra Preta remontam ao século XVIII. Conforme registrou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Boa Vista, como era chamado o território habitado pelos indígenas Paiaíás, surgiu em torno da fazenda Queimadas sob a administração de José Pereira Mascarenhas, piauiense que se mudou para a região e estabeleceu um engenho de açúcar. Na Bahia, o comércio deste item foi “a principal força motriz da sociedade colonial” (FAGUNDES, 2013, p. 26), porém, cabe destacar que não foi a única a movimentar a economia deste período. Segundo Luiz Cleber Freire (2007), nas propriedades rurais de Feira de Santana, da qual Serra Preta esteve subordinada no século XIX, “a pecuária e o comércio de gado na região foram responsáveis pela formação da riqueza dos fazendeiros e comerciantes da região” (FREIRE, 2007, p. 25).

Serra Preta e Feira de Santana estiveram intimamente ligadas através de interesses políticos e econômicos, o que explica, por exemplo, o distrito do Ponto de Serra Preta<sup>5</sup> ter sido um dos 11 subcampos da Assembleia de Deus de Feira de Santana em 1988, ano que se comemorou o Jubileu de Ouro, festividade que celebra cinquenta anos de fundação e Ministério (SILVA, 2017, p. 445-446).

No que diz respeito à composição do campo religioso da Bahia em 1970, as informações do IBGE apontaram um crescimento exponencial em todas as categorias apuradas, porém, manteve-se o Catolicismo a religião com mais adeptos. Em Serra Preta observamos uma configuração muito parecida. Entre os 19.233 habitantes do município, no mesmo período, mais de 90% da população se declarou católica, enquanto o percentual de evangélicos – categoria utilizada no momento – correspondeu a 0,5%, e espíritas 0,04%.

Já em 1980, do ponto de vista conceitual das características divulgadas pelo levantamento censitário, exceto pela Igreja Católica Romana, ocorreram algumas mudanças. Os evangélicos foram subdivididos em *Protestante Tradicional* (Adventista, Anglicana, Batista, Episcopal, Exército da Salvação, Metodista, Presbiteriana) e *Protestante Pentecostal* (Assembleia de Deus, Brasil para Cristo, Congregação Cristã do Brasil, Cruzada Nacional de Evangelização). O Espiritismo foi subdividido em *Espírita Kardecista* (Espírita Científica, Espírita Cristã, Racionalista Cristã) e *Espírita Afro-Brasileira* (Candomblé, Tambor de Mina e Umbanda). Também foram computadas a *Israelita ou Judaica, Oriental* (Budista, Igreja Messiânica, Sheicho-No-Ie, Xintoísmo), *Outras* (Católica Brasileira, Islamita, Mórmon, Testemunha de Jeová, Ortodoxa, Rosacruz etc.).

Em Serra Preta, o Catolicismo se manteve hegemônico com cerca de 98,5% de adeptos, seguido pelos Protestantes Tradicionais e Protestantes Pentecostais, respectivamente apurados em 2,75% e 0,14%. Portanto, os evangélicos eram minoritários, nem chegando a um ponto no cômputo geral. Quanto às demais categorias, foram contabilizados em *Outras*, 0,12%, *Sem Religião*, 0,01% e *Sem Declaração*, 0,18%. Oficialmente, assim era delineado o campo religioso serrapretense, mas desde a segunda metade do século XX, na experiência concreta de muitos moradores da zona rural, o campo religioso era predominantemente afro-católico.

Assim como Maria Patrícia Ferreira, a senhora Salvelina de Souza Ferreira, uma mulher negra que na ocasião da primeira entrevista estava com 72 anos, atualmente membra da Assembleia de Deus

<sup>5</sup> Além da sede, o município é constituído por mais dois distritos: o Bravo e o Ponto de Serra Preta. Para maiores informações ver: CAMPOS, Maria de Fátima; OLIVEIRA, Anailma Palmeira. *Conhecendo Serra Preta: história e geografia*. Feira de Santana: UEFS, 2003, p. 43; SANTOS, Elvia. A trajetória de Maria Patrícia Ferreira no povoado da Cabeça do Boi, Serra Preta-BA, (1950-1985). Feira de Santana: UEFS, p. 28.





no povoado da Cabeça do Boi, ao ser questionada se antes da sua conversão era adepta de outras práticas religiosas ela respondeu que “naquele tempo mesmo era só reza, Candomblé... Batendo couro, sambando e caminhando pra macumbeiro” (FERREIRA, 2022). Para ela o Catolicismo Apostólico não era uma escolha.

Podemos observar que esse Candomblé, Reza ou até mesmo Samba, termos que aparecem nas entrevistas, é uma manifestação religiosa muito comum nas zonas rurais da Bahia e possui características particulares e complexas que sofrem alterações na sua organização de acordo com santo de devoção de quem a realiza. Compreendemos essa manifestação como um culto, representada por uma diversidade de símbolos religiosos que coexistem em harmonia, tanto do Catolicismo através da louvação aos santos quanto das Religiões de Matrizes Africanas, por meio da incorporação do caboclo, entidade que surge durante o samba, a última etapa ritualística e que também faz o “couro comer” em uma mistura do sagrado com o profano.

Além disso era também um espaço de sociabilidade e divertimento, assim como relatou a senhora Elizete Amorim. “Naquela época sempre tinha aquelas rezas, a gente frequentava muito [...] eu lembro que eu batia o tambor [risos], o tambor de candomblé, brincava, sabe?” (AMORIM, 2021). Apesar das transformações ocorridas no campo religioso brasileiro e principalmente o alcance progressivo do Pentecostalismo nos interiores, na Bahia é possível encontrar pessoas que ainda mantêm esta prática religiosa<sup>6</sup> e resiste ao proselitismo evangélico.

Para compreendermos o processo de consolidação da Assembleia de Deus na zona rural de Serra Preta é preciso levar em consideração a participação das mulheres, principalmente as negras, tendo em vista que no período estudado, mais de 90% da população serrapretense, conforme o IBGE era formada por pretos e pardos. O discurso assembleiano, no que diz respeito ao ministério feminino deixava claro que a mulher não deveria assumir cargos ou competir com os homens, puramente fundamentado em uma leitura sexista da Bíblia, pois a regra era: “vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja” (EFÉSIOS 5, 23. BÍBLIA). Duas questões provocativas: se a Igreja é a Noiva de Cristo, será o pastor o noivo machista da Igreja? As mulheres fizeram uma disputa silenciosa pelo poder na Assembleia de Deus?

Na Assembleia de Deus, de acordo com o discurso oficial, nenhuma mulher deveria ser proibida de falar sobre Jesus aos pecadores, mas assumir cargo no Ministério como pastoras e presbíteras era antibíblico. Em 1973, o pastor Francisco Assis Gomes veiculou no *Jornal Mensageiro da Paz* o artigo intitulado: *A Mulher e sua missão*. Nas primeiras linhas do texto, com base no Livro de Gênesis, Capítulo 2, versículos 18 a 22, concordava ele que “a mulher foi feita para ser adjutora do homem”. O pastor ainda argumentou que, mesmo não tendo encontrado uma determinação específica para o trabalho da mulher,

dado à sua própria natureza, tudo indica que a sua missão como ajudadora do homem não seja para competir com ele em todas as suas atividades, porém, se ocupar nos serviços de sua

<sup>6</sup> Para saber mais sobre a continuidade das rezas no interior da Bahia, ver: Projeto Sagrado e Profano. O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura (Prêmio Cultura Palma da Mão/PABB) via Lei Aldir Blanc, redirecionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=3kWxDV7NkDE](http://www.youtube.com/watch?v=3kWxDV7NkDE). Acesso em: 17 de maio de 2024. IYANAGA, Michael. Alegria é Devoção: sambas santos e novena numa tradição afro-diaspórica da Bahia. – Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2022.



competência, conforme a estrutura natural do seu sexo, como no governo de ordem doméstica (GOMES, 1973, p.2).

Segundo o pastor assembleiano, não competia às mulheres a sua intromissão em trabalhos administrativos na Igreja Assembleia de Deus. Seu posicionamento também se estendia para a vida fora dos templos, onde acreditava que, por imprudência, o “moderno sistema” colocava as mulheres no mesmo nível do homem, quer nos trabalhos ou governos administrativos, por isso, muitas delas estavam governando nações por dinastia, o que no seu exíguo pensamento era a única maneira de uma mulher alcançar o poder: através da herança. A discriminação baseada no gênero do pastor Francisco Assis Gomes foi legitimada pela dominação patriarcal, que segundo Claudirene Bandini, está presente na história da Assembleia de Deus desde a sua base (BANDINI, 2009, p.226).

No povoado da Cabeça do Boi, os relatos orais frequentemente reconhecem o pioneirismo feminino, quer tenha sido com as primeiras pregações ou pela doação de um terreno para erguer o templo da congregação, mas principalmente porque nesta época “não tinha homem crente para dirigir a igreja e ela – Maria Patrícia Ferreira – quem tomava conta de tudo. Depois, com o passar do tempo eu aceitei Jesus e ela me colocou pra ajudar ela”, relatou um interlocutor (SANTANA, 2021). As mulheres não só evangelizaram e ganharam novos adeptos, mas ao que foge da regra doutrinária da Assembleia de Deus, dirigiram cultos, foram professoras na Escola Bíblica Dominical e atuaram no Círculo de Oração, este último um espaço essencialmente feminino.

Ao estudarem as práticas e representações de gênero em Serrolândia, um município localizado no Sertão da Bahia, Vania Vasconcelos e Cláudia Vasconcelos, assinalam como os homens sertanejos são associados à violência e a virilidade, representante legítimo do patriarcado e as mulheres à submissão ou ainda como “mulher macho”, vista como forte (VASCONCELOS; VASCONCELOS, 2017, p. 2). Através de uma força, real ou imaginada, as mulheres do povoado Cabeça do Boi foram responsáveis pela inserção do Pentecostalismo na disputa do campo religioso do povoado.

Inconscientes ou não, as mulheres se movimentaram com perspicácia no terreno sagrado, tornando-se extremamente importantes para o desenvolvimento do “maior grupo pentecostal existente no Brasil e umas das igrejas que mais influenciaram a religiosidade cristã no país” (OLIVEIRA, 2004, p. 34). Mas, isso não significa dizer que não cometeram intolerância com outros grupos religiosos não pentecostais, muito pelo contrário, principalmente através do discurso de ódio, da demonização e do proselitismo as mulheres foram igualmente responsáveis ao lado de seus companheiros e irmãos de fé.

### **O Círculo de Oração e o poder da cura**

As mulheres pentecostais se fizeram relevantes e imprescindíveis no funcionamento da Assembleia de Deus, através dos Círculos de Oração, uma atividade eclesial fundamentalmente feminina e dirigida por mulheres, um espaço essencialmente para o exercício de orações e da prática de cura para os diversos males, especialmente de curas milagrosas, advindas do poder divino mobilizado pelas mulheres assembleianas. Conforme observa-se nas fontes e na literatura sobre o tema, tem a sua origem na primeira metade do século XX, em 1942, em Recife, através de uma mulher, Albertina Bezerra Barreto e é consi-



derado por muitos fiéis e pastores “o maior movimento de oração das Assembleias de Deus” (ARAÚJO, 2007, p. 494).

Em pesquisas sobre as mulheres pentecostais na Bahia, Michele Soares Santos destacou a importância das orações coletivas em processos terapêuticos, às vezes considerados como milagres divinos, alcançados pela fé e a persistência de mulheres consagradas que cultivam os dons espirituais e intercedem a Deus pelos enfermos: “o Círculo de Oração é um espaço alternativo de poder para as mulheres, que não necessita de ordenação e até hoje cumpre um papel assistencial e terapêutico reservado às mulheres, mas não restrito” (SANTOS, 2020, p. 111).

Convém salientar que estas mulheres assembleianas, no geral, eram seguidoras de Religiões de Matrizes Africanas antes de sua conversão ao Pentecostalismo. A Religiosidade Afro-Brasileira promove curas e quebrantos e têm nas mulheres Yalorixás e outras seguidoras dos Terreiros e Casas de Culto agentes rezadeiras e curandeiras de doenças do corpo e males espirituais. Miriam Cristina Rabelo (1994) estudou práticas de cura em tradições religiosas de origem afro-brasileira, como o Jarê da Chapada Diamantina da Bahia de forma comparativa, com a Igreja Universal do Reino de Deus. Ao pesquisar os rituais de cura do Jarê concluiu:

As metáforas corpo aberto versus corpo fechado, de fato, ordenam as concepções de saúde, doença e cura no jarê. Na visão do jarê o indivíduo está continuamente interagindo com pessoas, espíritos e coisas que não pode controlar e dos quais sabe muito pouco. Fruto de relacionamentos, a doença se produz em uma situação de vulnerabilidade (corpo aberto) do indivíduo frente ao meio. A cura busca redefinir o contexto relacional gerador da doença, agindo sobre um dos participantes da relação (RABELO, 1994, p.52).

Dentre as doutrinas fundamentais seguidas pelos pentecostais encontra-se o dom de curar, o qual é exercido por alguns irmãos e especialmente por mulheres da Assembleia de Deus que oram e pedem a bênção da cura divina para os e as enfermas, portadores de doenças físicas ou espirituais. Há de ser enfatizado que “em um país de profundas desigualdades sociais e de precário sistema de saúde a cura também faz parte das preocupações religiosas” (SILVA, 2014, p. 34). Numa confissão de fé da Assembleia de Deus, baseada no texto bíblico, podemos ler sobre a crença na cura dos males físicos:

Nós cremos que no plano da redenção há uma bênção para os crentes em suas enfermidades físicas, um privilégio de receber a cura divina pela fé: sendo a cura divina um privilégio para os que creem, é claro que não pode ser uma lei, nem um motivo para combater ou desprezar a ciência e a medicina (CONDE, 1960, p.186).

Segundo a concepção dos pentecostais, o corpo é o templo do Espírito Santo e como é a morada divina, o fiel deve preservá-lo livre de vícios e pecados. O servo de Deus deve viver só para agradar a Deus, evitar os erros e as “coisas do mundo”, só assim pode estabelecer a harmonia com o seu próprio corpo. Além dos sermões pastorais, a literatura doutrinária do grupo também se reportava às práticas terapêuticas e aos dons de cura, a exemplo dos livros *Por que Deus não me cura?* de Ron Dunn, 1999, publicado pela



editora Mundo Cristão e outras editoras não religiosas e *Cura divina* de Rui Raiol, 1999, da Casa Publicadora das Assembleias de Deus no Brasil, CPAD.

Pesquisando a visão de saúde e doença de pentecostais em Feira de Santana, Isabel Sampaio concluiu que:

O sucesso econômico e a saúde física são indicativos da benção divina, de modo que a desgraça financeira e a doença podem simbolizar o pecado do fiel e, conseqüentemente, o castigo de Deus, como um alerta ao fiel de sua má conduta, a fim de que este se arrependa do seu pecado e volte a agradecer a Deus e torne a ser abençoado (SAMPAIO, 2003, p. 75).

A fé e a oração são fundamentais no processo terapêutico, pois na perspectiva do Pentecostalismo, a cura vem como um milagre de Deus, conforme relato de um membro da Assembleia de Deus em Feira de Santana: “em primeira instância, nós oramos. Oramos porque a nossa fé está acima de qualquer medicamento, de qualquer coisa. Oramos e peço a Deus para curar. Se através da oração não houver cura e, é algo que os médicos podem tratar, nós procuramos um médico” (SAMPAIO, 2003, p.94).

Ao longo da década de 1970, identificamos no Jornal *Mensageiro da Paz* para o estado da Bahia cerca de 79 testemunhos, dos quais pelo menos 67 foram relacionados à cura de doenças e deste total, 58 foram relatados por mulheres. Não só solicitaram a cura para si, mas também para os seus filhos e maridos, parentes e irmãos de fé. Tradicionalmente, na sociedade brasileira, as mulheres exercem papéis de cuidadoras, principalmente as mulheres negras, que no pós-abolição da escravidão “coube arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família” (GONZALEZ, 2020, p. 40).

No povoado da Cabeça do Boi, algumas mulheres assumiram não só a direção do Círculo de Oração, mas outros trabalhos eclesiais, que na perspectiva de alguns pastores como Francisco Assis Gomes eram atitudes antibíblicas. Era necessário, ainda, ter cuidado com o Círculo de Oração, pois muito embora a direção fosse confiada a mulheres dispostas e fervorosas, não poderiam ficar sem a supervisão do pastor da igreja ou presbíteros amadurecidos (MENSAGEIRO DA PAZ, jan., de 1970, p.4). Contudo, o motivo pelos quais essas mulheres assumiram essas atividades, a exemplo dos cultos, justifica-se pelas próprias características populacionais do município do período, que era de maioria feminina, rural e negra conforme consta nos levantamentos censitários e fontes orais.

Quanto aos relatos de cura no povoado da Cabeça do Boi, em entrevista, a senhora Zélia Oliveira nos revelou que houve um momento da sua vida que ela esteve “no vale da morte” após sofrer cinco abortos e chegou a ser desenganada pela medicina. Ainda que tenha acontecido antes da sua conversão, ela acrescentou que “a quem Deus promete vida Ele não deixa [risos] Ele não deixa que nada de mal aconteça”. (OLIVEIRA, 2021). A fala da depoente expressa o que Rubem Alves define como conversão.

A conversão se revela por meio de um novo falar. Converter-se é abandonar um discurso e adotar um outro. É o momento de nascimento. É a entrada do labirinto. Nela encontramos a racionalidade que será construída socialmente depois e as exigências emocionais da personalidade (ALVES, 1979, p. 54).



A depoente acredita que a sua sobrevivência foi um milagre que só Deus poderia ter lhe proporcionado. Um articulista do *Jornal Mensageiro da Paz*, Claudionor de Andrade, embasado na Bíblia, afirmou que “o aborto provocado é um crime, por violar o divino mandamento que, explicitamente prescreve: Não matarás”. Ele chamou atenção para as iniciativas dos movimentos feministas que levaram a pauta da legalização do aborto para o Congresso Nacional e que os membros do Legislativo precisavam se conscientizar, pois “foram eleitos para representar a nação como um todo, e não apenas um bando de históricas, frustradas e tresloucadas que tão somente querem a desvalorização da vida, a conspurcação do gênio feminino, o vilipêndio da inocência e a coroação da permissividade” (MENSAGEIRO DA PAZ, mar., de 1985, p. 9).

Segundo a depoente, Deus tinha um plano para a sua vida. A senhora Zélia Oliveira, atualmente com 78 anos, após a sua conversão e batismo nas águas assumiu a direção do Círculo de Oração em outro povoado da zona rural de Serra Preta, na Lagoa do Batista. Relatou que também dirigiu cultos na ausência do seu marido e foi responsável pela formação de outras mulheres que posteriormente assumiram este cargo. Esse é um exemplo do que aconteceu nas congregações da Assembleia de Deus no Sertão da Bahia, em contraste com o que era orientado pelos pastores, como regra doutrinária.

### Considerações finais

As práticas de cura dos males espirituais e das doenças físicas, na perspectiva do Pentecostalismo podem ser decorrentes do pecado pessoal e os fiéis devem buscar o perdão de Deus a oração e a intercessão divina em primeiro lugar, para buscar a cura. Os Círculos de Oração dirigidos pelas mulheres assembleianas se configuram como um espaço terapêutico, o local designado para as orações e a busca das bênçãos. Uma organização interna das comunidades assembleianas que em meio as doutrinas, usos e costumes misóginos pode se constituir em um espaço de resistência para as mulheres e construção de alternativas à subalternização.

Mais que ajudadoras do homem, no Pentecostalismo, fica evidente que sem a contribuição das mulheres, seu alcance e propagação não teriam os mesmos efeitos. No Sertão da Bahia as mulheres protagonizaram movimentos de evangelização contribuíram para a conversão de pessoas, fundaram congregações e expandiram as doutrinas pentecostais, a Palavra de Deus, conforme os discursos eclesiais. Em Serra Preta, as mulheres foram imprescindíveis para a consolidação da Assembleia de Deus, a divulgação e atração de fiéis em decorrência de suas práticas terapêuticas, de acolhimento e cuidado.

É preciso questionar a doutrina pentecostal fundamentada em uma leitura fundamentalista da Bíblia, que injustamente coloca as mulheres em posição de desigualdade com os seus companheiros, especialmente no Brasil, com as altas taxas de feminicídio. *A Bíblia Para as Mulheres*, com uma proposta feminina e progressista pode se constituir em uma nova leitura bíblica numa perspectiva de igualdade e reconhecimento dos papéis femininos de agentes religiosas e terapêuticas nas comunidades religiosas, bem como nas transformações sociais.



## Fontes Escritas

ARAÚJO, Isael. *Acontecimentos que marcaram a história das assembleias de Deus no Brasil*, Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

\_\_\_\_\_. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. 1ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BERG, Daniel. *Enviado por Deus Memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo, 1993.

IBGE - Censos de 1960, 1970 e 1980.

CONDE, Emílio. *O Testemunho dos Séculos História e Doutrina*. Livros Evangélicos. 3ª edição. Rio de Janeiro, 1960.

JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. da Assembleia de Deus. 1970,1971,1972,1973, 1985 e 1986.

STANTON, Elizabeth C. *A Bíblia para as Mulheres*. ALMEIDA, Bianca Daebis (Org). CEBI e Editora e Livraria Anglicana, São Leopoldo, 2019.

Fontes Oraís e Iconográficas

FERREIRA, Elizete. Entrevista realizada em 30 de agosto de 2021.

FERREIRA, Salvelina. Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2022.

OLIVEIRA, Zélia. Entrevista realizada em 4 de setembro de 2021.

SANTANA, Augusto. Entrevista realizada em 6 de setembro de 2021.

SAGRADO E PROFANO. Documentário. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=3kWxDV7NkDE](https://www.youtube.com/watch?v=3kWxDV7NkDE). Acesso em: 17 de maio de 2024.

## Referências Bibliográficas

ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus: Origem, Implantação e Militância (1911-1946)*. São Paulo, Arte Editorial, 2010.

ALMEIDA, A. J. S. “*Pelo Senhor, marchamos*”: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Niterói, RJ, 2016. 310f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense.

ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

BANDINI, Claudirene. Religião e relações de gênero: um olhar sobre as transformações de identidades e práticas sociais de líderes feministas pentecostais. *Revista de História das Religiões*, Maranhão, v.2, n.5, p. 225-239, set. de 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.



- CAMPOS, Maria de Fátima; OLIVEIRA, Anailma Palmeira. *Conhecendo Serra Preta: história e geografia*. Feira de Santana: UEFS, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FAGUNDES, Augusto. *A misericórdia da Bahia e o seu sistema de concessão de crédito (1701-1777)*. Salvador, 2013. 188f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.
- FREIRE, Luiz Cleber. *Nem tanto ao Mar, nem tanto à terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850- 1888*. Salvador, 2007. 167f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.
- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: LIMA, Márcia; RIOS, Flávia (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 49-64.
- ISAIA, Artur e SILVA, Elizete da. A história de uma Ialorixá sob a ótica de um pastor canadense: Robert McAlister e as Religiões Afro-Brasileiras. *Revista Brasileira de Estudos Canadenses*. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 19, n. 3, p. 104-124, dez. de 2019.
- IYANAGA, Michael. *Alegria é Devoção: sambas santos e novena numa tradição afro-diaspórica da Bahia*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2022.
- MOTA, Elba Fernanda Marques. “Entre O Comunismo e o Ecumenismo”: dos caminhos políticos da Igreja Assembleia de Deus na nova república brasileira. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon e SILVA, Elizete (org.). *Os 500 Anos da Reforma Protestante no Brasil*. Um Debate histórico e Historiográfico. Curitiba, CRV, 2017. p. 319-338.
- OLIVEIRA, Marcos David. *A religião mais negra do Brasil*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
- PEDLOWSKI, Marcos; PY, Fábio. Pentecostalização assentada no assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, RJ. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, nº 3, p. 829-852, set./dez. de 2020.
- QUEIROZ, M. O. “Quando os justos governam, o povo se alegra”: Uma análise sobre a Assembleia de Deus e a política Eunápolis-BA (1988-2016). Feira de Santana, 2019. 182f. Dissertação (Mestrado em história) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.
- RABELO, Miriam Cristina M. Religião, ritual e cura. In: ALVES, Paulo; MINAYO, Maria (org.). *Saúde e doença: um olhar antropológico* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 1994, p. 53-68. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tj4g>. Acesso em: 17 de maio. 2024.
- SAMPAIO, M. I.S. Representação do Processo Saúde-Doença Entre os Pentecostais da Assembleia de Deus em Feira de Santana. Feira de Santana, 2003. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana.
- SANTOS, E. C. A trajetória de Maria Patrícia Ferreira no povoado da Cabeça do Boi, Serra Preta-BA, (1950-1985). Feira de Santana, 2022. 101f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. Protestantismo e Pentecostalismo no Maranhão. In: GIL, Benedito; Siperski, Paulo (org.). *Religião no Brasil Enfoques Dinâmicas e Abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SANTOS, S. M. A eles o púlpito e a elas? Uma análise sobre a participação feminina na Igreja Assembleia de Deus de Eunápolis (1970-2000). Feira de Santana, 2020. 189f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.



- SOUZA, Sueli Mota. Cura e Terapia: experiência religiosa de mulheres pentecostais. *Salvador*: EDUNEB, 2012.
- SILVA, Elizete da. Pentecostalismo No Brasil Numa Perspectiva Historiográfica: Aportes Teóricos E Metodológicos. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 209-219, jan./jun. 2014.
- SILVA, Igor Trabuco. Pentecostais na Política e na Cultura: a atuação partidária da Assembleia de Deus de Feira de Santana. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon e SILVA, Elizete (org.). *Os 500 anos da reforma protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: CRV, 2017. p. 339-354.
- SILVA, Igor Trabuco. *As Assembleias de Deus e o jogo político na Bahia (1972 – 1990)*. Salvador: Sagga Editora, 2020.
- SILVA, L. S. Do axé à aleluia: transformações do campo religioso cachoeirano (1980-2007). Feira de Santana, 2014. 162f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Feira de Santana.
- SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Religião e Estado no Brasil contemporâneo: os processos da “(neo)pentecostalização” da política brasileira. In: KRZYWICKA, Katarzyna; SIUDA-AMBROZIAK, Renata (red.). *Política y religión en América Latina*. Lublin: Latinoamericanos de la UMCS, 2017. p. 109-136.
- STADLER, Hulda. Evangélicas e as Questões de Gênero. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon e SILVA, Elizete (org.). *Os 500 anos da reforma protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: CRV, 2017. p. 375-398.
- VASCONCELOS, Vânia; VASCONCELOS, Cláudia. Por outras representações de gênero no sertão. *V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades 10 anos*. Salvador, 2017, p. 1-9.
- VASCONCELOS, Vânia. “Mulher séria” e “cabra macho” ... Por outras representações de gênero no Sertão baiano. *XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009*, p. 1-8.